

CINEMA

LITERATURA

MUSICA

TELEVISAO

PENSAMENTOS

FALE CONOSCO

PIPOQUEIROS

busca

Ok



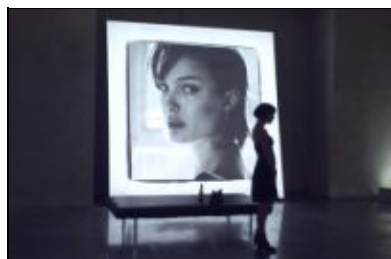
CINEMA

Sem tirar os olhos

Por: Fábio Freire



Qual foi a última comédia romântica digna de nota a estrear nos cinemas? Talvez *Simplesmente Amor*. E por onde anda Meg Ryan, a queridinha desse gênero tão mal tratado por Hollywood? Cansou de se repetir e partiu para produções mais ousadas. Ryan tirou a roupa no thriller *Em Carne Viva* e provou que também é uma boa atriz. E Julia Roberts, outra estrela afeita a esse tipo de filme, qual a última vez que ela atuou de verdade? Hhhmmm, quem sabe em *Eric Brochovich*, que inclusive lhe valeu o Oscar. E o que isso tudo tem a ver com o novo trabalho de Mike Nichols, *Closer – Perto Demais?*



Closer é baseado na peça homônima de Patrick Marber (que também assina o roteiro) e narra quatro anos da vida de quatro personagens que se embrenham em uma rede de paixões e traições. Dan (Jude Law) conhece Alice (Natalie Portman) de forma acidental – literalmente – e se apaixonam. Anna (Julia Roberts) também conhece Larry (Clive Owen) acidentalmente, mas de maneira arranjada. Os dois se casam, mas Anna mantém um caso com Dan. Até que Dan e Anna abrem o jogo para Alice e Larry. A partir daí, o espectador é jogado no meio de uma lavagem de roupa suja de deixar os mais puritanos de cabelos em pé.

E o que uma história a princípio banal tem de tão extraordinária? Primeiro, o roteiro de Marber. O texto inteligente está presente ao longo de todo o filme e surpreende ao não apostar em clichês cinematográficos. Os diálogos brilham de tão polidos. As falas soam naturais e só resta ao espectador acompanhar tudo com um prazer cada vez mais raro nos dias de hoje. A direção do veterano Mike Nichols (*A Primeira Noite de Um Homem*, *Uma Secretária de Futuro*) é madura e requintada. Apesar do texto (e conseqüentemente as interpretações) serem a grande força motriz da produção, Nichols emoldura o roteiro em cenas belíssimas e cheias de sentimentos dúbios. Os saltos na narrativa são coerentes e o diretor brilha na condução do longa. A abundância de enquadramentos fechados captura cada emoção do elenco e desnuda todas as reações das personagens. Os movimentos de câmera e a trilha sonora – que mistura Prodigy, The Smiths, Bebel Gilberto e música clássica – completam esse quadro de sofisticação.



Mas toda essa elegância não esconde as verdadeiras intenções de *Closer*. A fotografia, os figurinos e os cenários podem demonstrar um apurado senso visual, mas é a sujeira e crueldade das personagens na condução dos relacionamentos que ficam na mente do público ao final da sessão. Dan e Anna traem,

ATUALIZAÇÕES

25/01 Alexandre, o longo, o grandioso, mas não O Grande [Alexandre]

23/01 Utopia [Quase Dois Irmãos]

21/01 Ao Prog Metal, com amor. [Pain of Salvation]

20/01 Thompson continua insano [A Grande Caçada aos Tubarões (Hunter S. Thompson)]

20/01 Começo de ano = listas de melhores [TOP 5 2004]

DO MESMO AUTOR

Trash moderno [Jogo de Sedução]

Tom Cruise para adultos [Colateral]

O poeta está vivo! [Cazuza - O Tempo não Pára]


O Dia Seguinte [O Dia Depois de Amanhã]

O caos de uma balzaquiana [Alanis Morissette - So-Called Caos]

LEIA TAMBÉM

21/10/2003 Nada demais

19/03/2004 Cedendo um pouco tarde demais... [Alguém Tem Que Ceder]



mentem e fazem Alice e Larry sofrer. A sinceridade dos dois é cortante, machuca e pode ser até confundida com uma certa frieza. Mas Alice e Larry também não são santos e se vingam como podem. Enfim, os quatro são pessoas de verdade que cometem erros, se metem em uma grande confusão e não sabem como sair dela a não ser machucando seus companheiros.

O elenco entende perfeitamente a intenção do roteirista e Nichols e mergulha de cabeça nos seus papéis. Julia Roberts volta a atuar de forma tridimensional e sua Anna por vezes é indecisa e antipática, mas o vazio de seu olhar final descortina a infelicidade da personagem. Jude Law é o mais apagado, mas ainda assim demonstra talento como o cafajeste Dan. Ele não ama mais Alice, mas não consegue abandoná-la por medo de perdê-la completamente. Já Clive Owen se recupera dos fracassados *Amor sem Fronteiras* e *Rei Arthur* com uma bela composição de Larry, um médico meio perverso, mas que no fundo só quer se reconciliar com sua paixão Anna. Mas a personagem mais interessante de *Closer* é sem dúvida a stripper Alice. Sem nenhum pudor, Natalie Portman se entrega totalmente à personagem, interpretando de forma luminosa a doce e frágil Alice. Ao final, sabemos que ela não é tão doce ou frágil como aparenta, sendo a única a sair incólume do quadrilátero amoroso.

E o que *Closer* tem a ver com o gênero comédia romântica? Nada, nadinha mesmo. *Closer* faz parte de uma nova leva de filmes que a princípio parecem leves e escapistas, mas que vão a fundo na caracterização de suas personagens e se revelam produções sem medo de fazer o público pensar. E ao apreciar a cena final com Natalie Portman praticamente desfilando ao som da belíssima *The Blower's Daughter* de Damien Rice, não consegui tirá-las - a música e a atriz - da minha cabeça. Nem a idéia de que *Closer* se revela um parente bem próximo de *Encontros e Desencontros* e *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças*. Será o fim das comédias românticas?



25/01/2005

[Voltar](#)